



## DE SAGRADO A PROFANO E DE PROFANO A HERÓI - O ETHOS DISCURSIVO, A CENA ENUNCIATIVA E A DESCONSTRUÇÃO SIMBÓLICA EM CAIM DE JOSÉ SARAMAGO

Marcos Felipe Rocha<sup>1</sup> (UEG).

### GT 11 – Linguagem, discurso e identidades

#### Resumo

O embate em torno das relações germinadas entre a literatura e a história é tão remoto quanto à história do homem. Enredos e ficções são edificados por meio de um discurso, em que cada indivíduo, inserido em um contexto sócio-histórico, posiciona-se e organiza subjetivamente a realidade. Diante disso, uma grande quantidade de textos que se amparam de discursos precedentes é produzida, evidenciando o fato de que o homem ampara-se na linguagem para compreender a vida, a história. A ciência e a literatura sempre foram aliadas e misturaram-se, sendo que uma se valida na verdade e a outra da verossimilhança. O homem está evidentemente inserido em um mundo embasado pelos valores do cristianismo. Mediante essa premissa, José Saramago, em seus textos ficcionais, aborda o texto bíblico com uma linguagem essencialmente irônica. A intenção principal da ironia na obra é a desmistificação do absoluto por meio de estratégias proporcionadas pelo modo em que o autor encena a linguagem. Deste modo, neste artigo, propõe-se discutir o ethos discursivo sob a perspectiva da Análise do Discurso na obra Caim (2009), de José Saramago, suas características fundamentais e algumas de suas aplicações e funções. Foca-se nas perspectivas simbólicas, no posicionamento do sagrado e do profano, no gênero discursivo narrativo e os traços essenciais da análise do discurso, enfatizando a cena enunciativa e o ethos discursivo. Baseia-se, principalmente, na vertente francesa e estruturalista, e em autores como Bakhtin (2010), Maingueneau (2008) e Charaudeau (2006). Sendo assim, será exposto o dinamismo existente em cada tópico, expondo e exemplificando, sem perder o referencial, e também, estabelecendo diálogos com outras obras do mesmo o autor.

**Palavras-chave:** Caim. Deus. Ethos. José Saramago. Discurso.

#### Introdução

Caim (2009) é o último romance da obra de José Saramago, Nobel português, que apresenta como eixo central da obra: matar Deus. Inicialmente Caim assassina seu irmão,

<sup>1</sup> Marcos Felipe ROCHA, Prof. Marcos Felipe Rocha, Pós-graduando. Universidade Estadual de Goiás. (UEG), E-mail: marcosfeliperocha15@gmail.com.



Abel e, em última instância, devasta os planos divinos de reconstruir a humanidade, aniquilando a família de Noé. Simbolicamente, o texto leva o leitor a indagar o que realmente significa matar Deus, pois para o autor, a morte deste é necessária, e o texto almeja evidenciar a face humanizada deste personagem, tão defeituoso como o próprio homem. A personagem principal, Caim, é condenada a peregrinar, vagando pelo tempo de maneira não-linear e, assim, tornando-se testemunha das ações bárbaras de Deus em vários dramas importantes do Antigo Testamento, o que é fundamental para a narrativa desse romance.

Em grande parte de suas obras, José Saramago agride a religião, especialmente o Cristianismo, por meio da invenção de personalidades e enredos que propendem à ridicularização e diminuição da instituição religiosa, bem como da versão cristã acerca do Evangelho. Dessa forma, o leitor, ao ler Caim (2009), tanto como outras obras saramagueanas, tem a possibilidade de compreender objetos notórios sob uma ótica diferente, como se os estivesse descobrindo, e não reconhecendo, mas os notando em seu caráter singular.

Ao constatar a importância do discurso desmistificador, busca-se caracterizá-lo como uma prática discursiva, que demonstra ter como objetivo alcançar o leitor e fazê-lo refletir sobre a importância da morte do divino instituído pelos homens. Para a compreensão da obra, foca-se na trajetória dos personagens principais ao longo do enredo e como eles se interagem entre si e com os conceitos do sagrado. Tomando por base as considerações traçadas, far-se-á um trabalho de análise do discurso, tendo como enfoque os aspectos teóricos da AD, considerando as teorias de Maingueneau (2008) e os apontamentos de Charaudeau (2014) acerca do gênero discursivo - a narrativa. Nesta premissa, será considerado o mito original, bíblico, culturalmente precursor de um relato ficcional: o romance de Saramago, Caim (2009). O intuito é verificar a maneira como o mito bíblico de Caim e a supremacia divina são desconstruídos por Saramago, através do discurso – a cena enunciativa e o ethos discursivo.

#### AUTOR E OBRA

Com uma base familiar camponesa, José de Sousa Saramago nasceu em 1922, em Azinhaga, porém logo cedo foi para Lisboa, onde viveu grande parte de sua vida. Fez estudos relacionados à economia, porém não prosseguiu. Trabalhou como serralheiro, mecânico, desenhista, funcionário público,



tradutor, editor, jornalista e crítico literário. Pertenceu à Direção da Associação Portuguesa de Escritores e foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente de sua produção literária, inicialmente como tradutor, depois como autor.

Saramago foi um grande escritor, roteirista, jornalista, dramaturgo e poeta português laureado com o Nobel da Literatura em 1988, e também outras diversas premiações ao longo de sua trajetória. O mestre português é famoso por concentrar frases e períodos longos, empregando a pontuação de modo não usual. Os diálogos entre as personagens são inseridos ao longo dos próprios parágrafos, de forma que não existem travessões em suas obras, propiciando uma percepção de fluxo de consciência, a ponto de o leitor embarçar-se se certo diálogo foi autêntico ou apenas um aforismo.

A obra *Caim* (2009), de Saramago, é uma constante reflexão a respeito de Deus. O narrador aponta o maioral cristão como traidor e manipulador da espécie que criou. Ao longo da obra, em várias ocasiões, a crítica irônica ligada a Deus e ao texto bíblico aprofunda-se, chegando o discurso ficcional a adquirir um tom cáustico próximo das bases da literatura carnavalesca, gênero em que se combinam os opostos, não há hierarquia e, portanto, não há distinção entre profano e sagrado. O narrador, altamente intruso, apropria-se do texto bíblico transgredindo-o por meio de paródias hilariantes.

#### CENA ENUNCIATIVA - CENOGRAFIA

Através do ethos, o interlocutor está circunscrito a um lugar, inscrito na cena de enunciação que o texto implica - composta por três cenas: cena englobante, cena genérica e cenografia. Maingueneau aponta que

A cena englobante atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico... A cena genérica é do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, mas é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável etc. (MAINGUENEAU, 2008, p. 70).

Desse modo, a cenografia constitui a cena de fala que o discurso designa para enunciar e que, assim, necessita validar por meio da sua própria enunciação: o discurso apetece



estabelecer a ocorrência de comunicação que o valida.

Para compreender a cenografia de um texto é necessário apreender as noções de "situação de enunciação", "situação de comunicação" e "contexto", que, às vezes, tendem a confundir umas com as outras. A situação de enunciação engloba o entorno físico ou social no qual estão os interlocutores, já a situação de comunicação atende o processo comunicacional, sub o ponto de vista sociológico. Assim, a cena enunciativa pondera o contexto interno, através da situação que a fala pretende exprimir, o quando no sentido pragmático e no próprio movimento em que se desenrola.

Na literatura, é usual que leitor não perceba a cena englobante, mas uma cenografia. Em Caim (2009), a história é desenvolvida por um narrador onisciente intruso que se posiciona ao longo da trama, e conta a história da própria maneira, alterando e adotando várias vias de transmissão de dados e impondo suas concepções e visões. Assim, o leitor vê constituído um posicionamento para si, sendo uma cena narrativa desenvolvida pelo texto, uma cenografia. Tanto a condição quanto o produto, são elementos constituintes da cenografia da obra, considerando os estatutos do enunciador e do coenunciador, Deus e Caim, em grande parte da obra; mas também a cronografia e a topografia nos quais o a enunciação se desenvolve. Para compreender a cenografia da obra é necessário avaliar o texto e a estrutura de mediação entre leitor e obra - paratexto. Um dos elementos de mediação mais contundentes e consideráveis é, sem dúvidas, a epígrafe utilizada por José Saramago retratando a Bíblia como "livro dos disparates", retomando Caim, um personagem bíblico de pouca expressão e provocando estranhamento no leitor.

Um traço marcante na obra de Saramago é a não validação das enunciações que são reempregadas. A cenografia que compõe a fundamentação e o fechamento da obra é validada pela própria enunciação, onde os discursos são validados por meio de trocas. É necessário ressaltar que a validação dos discursos de Caim (2009) é totalmente interna à obra, pois considerar o contexto exterior, não haveria validação, principalmente, no que tange o comportamento divino.

A designação da crueldade divina passa pela cenografia de um narrador com o potencial de intervir em sua narrativa para constituir uma cumplicidade com o leitor próximo



dele. Caim apresenta-se como um homem errante e consciente que se posiciona como herói no intuito de barrar as atrocidades de Deus. Dirige-se às pessoas tidas como vítimas do divino, assim como ele, ao submeter-se às regras do diálogo mundano: a precisão de parecer espiritualoso, de apresentar um discurso variado, de não ser fastidioso, de não demonstrar o caráter irônico, de conduzir a referência e o sentido ambíguo etc. É, portanto, por meio de uma cenografia vinculada à sociabilidade de uma sociedade dotada de uma fé cega e alienada que Caim (2009) mostra a crueldade de Deus com um mundo de fiéis. Há uma tensão entre a integridade de Caim imposta pela cenografia e a desumanidade divina que esta permite contar. A obra de José Saramago não explicita a sua regência por uma cenografia mundana, mas apresenta através de variadas marcas textuais:

Estas, para que não o saiba ou finja ignorá-lo, são as contabilidades duplas do senhor, disse caim, onde uma ganhou, a outra não perdeu, fora isso não compreendo como irão ser abençoados todos os povos do mundo só porque abraão obedeceu a um ordem estúpida (SARAMAGO, 2009, p. 81).

Podem haver indicações paratextuais, como a citação da folha de rosto "livro dos disparates". Há também, nos próprios textos, indicações evidentes que necessitam do consentimento de cenas de fala preexistentes. Logo após o episódio da destruição de Sodoma e Gomorra, um diálogo entre Caim e Abraão retoma cenas existentes,

No regresso, por casualidade, detiveram-se por um momento no caminho onde abraão tinha falado com o senhor, e aí caim disse, tenho em pensamento que não me larga, que pensamento, perguntou abraão, penso que havia inocentes em Sodoma e nas cidades que foram queimadas, se os houvesse, o senhor teria cumprido a promessa que me fez de lhes poupar a vida, As crianças, disse caim, aquelas crianças estavam inocentes, meu deus, murmurou abraão e a sua vez foi com um gemido, sim, será o teu deus, mas não foi o delas (SARAMAGO, 2009, p. 97).

Caim (2009), com efeito, baseia sua cenografia em cenas enunciativas já validadas por outra obra - a Bíblia. Validado não significa valorizado, mas já inserido no contexto do saber e de valores público. Por já serem eventos de domínio público, Saramago, com a construção de outra situação, ridiculariza a situação da enunciação bíblica e legitima a própria enunciação.



A obra em análise legitima sua cenografia evocando cenas que lhe convêm de contraste. Isso acontece com os versos bíblicos carnavalizados e desconstruídos. Assim, a cenografia legitima-se obliquamente encenando uma enunciação de fundo ruidoso que vem interpor a Bíblia. Diante esta premissa, está-se então diante de uma paródia, uma estratégia de subversão: desqualificação da cena por meio da própria enunciação. A subversão dos atos de Deus permite indicar não um ser altruísta, mas atroz; o destinatário, Caim, submetido à ordem dos fatos, propõe-se a interromper e libertar as pessoas das mazelas causadas pela crença.

A cenografia de Caim (2009) não se restringe a reproduzir as cenas bíblicas já validadas, mas excede o seu ponto de apoio. A obra reelabora um suporte por um contador de histórias revoltoso, não sendo a mimeses de uma narração, pois é uma paródia. O heroísmo da cenografia composta por Saramago não se limita a respeitar os dogmas cristãos, mas os transpõem por seu modo de desmistificação. A relação entre a cenografia saramagueana e a cenografia bíblica geram ambiguidade. De um lado a Bíblia enaltece o divino, fortalecendo-o, do outro, a obra valoriza-se desmoralizando o livro sagrado.

Ethos é uma componente indispensável à cenografia de Caim (2009): desde sua emergência, a fala é carregada de um tipo de ethos, que rompe com que já é ideologicamente marcado, e se valida progressivamente pela enunciação. A cenografia desenvolvida por Saramago é, assim, desenvolvedora do discurso, legitimadora dos enunciados. O modo como desencadeia os conteúdos desenvolvidos pelo discurso, transcorrendo alguns episódios do Velho Testamento, que possibilita verificar e validar o ethos dos personagens, bem como a cenografia. Quando Deus se posiciona por meio de seu discurso, mostrando-se autoritário e egocêntrico, fazendo com que defina-se, implicitamente, o que não seria verdadeiro a um ser divino, sendo passivo ao anti-ethos adequado:

Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se tu não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres (... ) Como tu foste livre para deixar que eu matasse a abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a



minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado...” (SARAMAGO, p.34. 2009).

### ***Ethos* discursivo**

Segundo Maingueneau (2001), o *ethos* é uma ideia de interesse prático, e não uma consideração teórica objetiva, assim correspondendo as questões empíricas concretizadas, tendo como particularidade, serem mais ou menos abrangentes ao próprio ser do indivíduo, relacionadas a uma zona reservada e pouco explorada da relação entre o ser e a linguagem, onde a identificação deste é tal que se acionam estratégias de proteção. A configuração do *ethos* dá-se por meio da voz do fiador ou o tom que o enunciador introduz em seu texto com o alvo, não apenas de persuadir, mas de agregar ao coenunciador, possibilitando, inversamente, sua adesão ao logos que lhe oferece.

O *ethos* está diretamente ligado à enunciação e não a um conhecimento extradiscursivo acerca do enunciador. São traços de caráter que o enunciador necessita transmitir ao auditório para causar impressões positivas, pouco importando sua franqueza.

O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir 'fisicamente' a um certo universo sentido. O poder da persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados (MAIGUENEAU, 2005, p. 73).

O discurso escrito possui vocalidade específica que se manifesta através do tom - indicando quem o disse, permitindo relacionar a uma fonte discursiva e definir o "corpo do enunciador". Maingueneau (2005) defende que a leitura faz insurgir uma ascendência enunciativa, assim, uma instância subjetiva encarnada que desempenha a função de fiador. Por meio dos indícios textuais, o leitor é capaz de construir a imagem do fiador que empossa de um caráter e uma corporalidade, apoiados por estereótipos sociais. Dessa forma, o *ethos* não pré-existe à enunciação, pois é através do seu discurso que deve legitimar seu modo de expressar. O fiador legitima sua maneira de falar através do seu próprio enunciado e a cena



enunciativa é, simultaneamente, aquela em que o disse produz e concebe, paradoxalmente: "são conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem" (MAINGUENEAU, 2005, p. 77-78).

Em Caim (2009), percebe-se o personagem Caim, mesmo que estando sob uma condição adversativa - o assassinato do próprio irmão, utiliza de estratégias de argumentação, com enunciados bem colocados para compartilhar a culpa com Deus: "Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que Abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor" (SARAMAGO, 2009, p. 35), e ainda pondera:

É simples, matei abel porque não podia matarte a ti, pela intenção estás morto. Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devessem carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, deus está inocente, tudo seria igual se não existisse, Mas eu, porque matei, poderia ser morto por qualquer pessoa que me encontre. (SARAMAGO, 2009, p. 35)

Portanto, Caim, contrariando o sócio-histórico-ideológico marcado, adota um discurso argumentativo contrapondo o discurso de Deus e, por meio das estratégias discursivas, faz com que Este se aproprie do logos, não apenas persuadindo o coenunciador, mas possibilitando o reconhecimento da culpa de parte do homicídio. Percebe-se que os efeitos do diálogo são todos discursivos, e que os fatores extradiscursivos pouco influenciaram no desencadeamento dos fatos. O caráter rude de Caim transmitiu franqueza ao interlocutor, persuadindo-o. Logo, o leitor, apoiado por estereótipos históricos e sociais, é levado a acreditar no que Caim propagou, legitimando tanto o ethos, quanto a cena. O primeiro embate entre Deus e Caim é vencido pelo homicida, tendo o crime quase redimido e sua culpa é minimizada, por não ter arquitetado o crime e por Deus compartilhar da culpa:

farei um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou caim, mal acreditando no que acabará de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de abel, Reconheces então a tua parte de culpa, Reconheço, mas não digas a ninguém, será um segredo entre Deus e Caim [...] (SARAMAGO, 2009, p. 35).

### **O ethos de Caim – de profano a herói**



A obra de José Saramago propõe uma releitura da personagem bíblica. Ao mesmo tempo em que desenvolve a figura dramática mitológica, desenvolve novos traços: "Alegria, perguntou a si mesmo, para caim nunca haverá alegria, caim é o que matou o irmão, caim é o que nasceu para ver o inenarrável, caim é o que odeia deus." (SARAMAGO, 2009, p. 142). Caim (2009) propõe uma releitura do Velho Testamento, onde o jovem errante protagoniza diversos debates com o divino, e, surpreendentemente, o homem triunfa sobre Deus.

Caim escolhe inverter as relações céu e terra, sagrado e profano, através do seu discurso: "Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra" (SARAMAGO, 2009, p.34). A terra seria, portanto, recompensa dos marginais, daqueles que se rebelam contra as autoridades divinas. Pode-se atribuir, a partir dessa veemência, o ethos ao enunciador, Caim, em três instâncias: primeiramente o leitor atribui ao fiador, voz ou tom presente no enunciado, um ethos - inquieto e insurgente, simultaneamente, ele incorpora um montante de traços que descrevem uma forma de se ajustar no mundo, daqueles que se rebelam contra as imposições divinas cristãs, e assim, nesse processo, constitui-se o corpo daqueles que comungam na adesão de um mesmo discurso, daqueles que são desalienados quanto a soberania de Deus. Então entende-se que Caim, o enunciador, trabalhou a construção de sua voz para garantir fidedignidade ao discurso, incorporou um conjunto de esquemas de foram capazes de definir uma forma de se instaurar no mundo e, baseado em estereótipos sociais, rompeu com a tradição bíblica opondo-se a Deus, a partir de então, o personagem desenvolve seu discurso direcionado a sua ruptura.

A noção de estereótipo desempenha papel fundamental para alicerçar o ethos de Caim. Segundo Amossy (2014), a ideia prévia do locutor e a imagem constituída através do discurso não podem ser totalmente singulares, precisam ser organizadas para serem partilhadas, necessitando estar ligadas a exemplares culturais pregnantes, mesmo que contestatórios. A medida que a dimensão sócio-cultural afeta a construção do ethos de Caim, profano e assassino, inversa e simultaneamente, a manipulação discursiva intervém na construção da identidade social do herói-rebelde.

O *ethos* escritural exige do leitor um empenho de elaboração fantasiosa a partir de vestígios textuais diversificados. Ao longo do texto, Caim desenvolve características que



corroboram a para o desenvolvimento do herói, opondo-se ao anti-herói bíblico. Saramago permitiu ao seu herói viajar através do tempo e do espaço, não tendo espaços para lamentações, passando grande parte da obra culpando Deus, demonstrando sua revolta - "E, contudo, esse homem acochado que aí vai, perseguido pelos seus próprios passos, esse maldito, que a fraticida, teve bons princípios como poucos." (SARAMAGO, 2009, p. 38)

Caim, além de grande questionador, passa protagonizar como herói. Como peregrino e "fugitivo errante pelo mundo", o jovem demonstra evolução de pensamento crítico e, desalienado, desaprova os atos de Deus: "Alegria, perguntou a si mesmo, para caim nunca haverá alegria, caim é o que matou o irmão, caim é o que nasceu para ver o inenarrável, caim é o que odeia deus" (SARAMAGO, 2009, p. 142). No discurso de Caim, nota-se incorporação do discurso de José Saramago, apresentando modos de pensar, falar e existir do autor. Saramago desenvolveu uma personagem intensa de tal maneira que pode mesmo obliterar a história da humanidade, através de seus preceitos. Assim, o *ethos* de Caim está diretamente ligado ao *ethos* do autor, opondo-se a Deus e rebelando contra seus atos.

### Considerações finais

Ao longo de sua obra, desde a epígrafe, José Saramago evidencia a necessidade de repensar a leitura e a interpretação que é feita da Bíblia, pois o mundo contemporâneo não consente a vivência do eterno irremediável. Neste contexto, é preciso ponderar a leitura bíblica e verificar suas instâncias e nisso baseia-se a questão central de Caim (2009): questionar e racionalizar o que era, até então, compreendido como abundante e inabalável. Nessa perspectiva, o público leitor, através de vários recursos, é surpreendido pela desconstrução do divino: a linguagem, grosseira e saturada de simbologias, as personagens, os enredos, polêmicos e críticos e, até mesmo, os sinais gráficos competem para isso.

A inversão dos papéis que concebem o bem e o mal é fundamental para estabelecer o *ethos* de Deus e Caim. O profano torna-se herói, assumindo a responsabilidade de deter o vilão, deixando assim o caráter cruel e assumindo uma postura, apesar de profana, heróica e vingativa. Através dos atos aventureiros do jovem protagonista, o autor desmistifica Deus, postulando um *ethos* diferente do que é ideologicamente marcando: não se manifesta amável e



gracioso, mas vingativo e desumano. O personagem sagrado apresentado por Saramago está em constante incompreensão com a humanidade, sua criação: “A história dos homens é a história dos seus desentendimentos com deus, nem ele nos entende a nós, nem nós o entendemos a ele” (SARAMAGO, 2009, p. 88).

Em Caim (2009), o jovem peregrino se equipara a Deus através dos discursos. O personagem profano não apenas contradiz os desígnios divinos, como também subjuga grande parte das discussões e, no final, elimina toda a criação. Isso induz que Deus deixa de tomar parte do futuro da humanidade e Caim assume a responsabilidade. Ele não é um indivíduo que se sente submisso às ações do criador, ele revoluciona e consegue mudar a direção da história humana. A dessacralização do sagrado na obra é ação de cunho político, pois apesar de emergir um personagem capaz do bom, do mau e do pior, o homem é em primeiro plano, pois é fundamental na criação de uma nova humanidade. Assim, descrer em Deus induz crer no homem, pois isso, José Saramago delega à Caim a missão de matar Deus. Através da descentralização do sagrado, o autor faz desencadear a crença do homem em si. Então o homem pode protagonizar, mostrar seus atos bons e heróicos.

## Referências

AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

Aristóteles. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance*. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. BERNADINI, Aurora F. et al. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998. p. 397-428.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do*



Discurso. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Linguagem e discurso: modos de organização. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DUCROT, Oswald. Le Dire et le Dit. Paris: Minuit, 1984.

KOCH, Ingedore Villaça. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 2007. LOPES, João Marques. Saramago - Biografia. São Paulo: Leya, 2010.

MAINGUENEAU, Domenique. Cenas da Enunciação. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Discurso e análise do discurso. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.

\_\_\_\_\_. Discurso Literário. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. Ethos, Cenografia, Incorporação. In: Ruth Amossy (Org.). Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos. São Paulo: Contexto, 2005: 69-92.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (Orgs.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008.

SARAMAGO, José. Caim. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. O Evangelho Segundo Jesus Cristo. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.